

Júnia Diniz Focas  
(Organizadora)

## Contos

Belo Horizonte  
FALE/UFMG  
2001

### **Diretoria da Faculdade de Letras**

*Prof. Eliana Amarante de Mendonça Mendes*

### **Vice-Diretora**

*Profa. Veronika Benn-Ibler*

### **Projeto Gráfico da Capa**

*Glória Campos*

### **Revisão de Textos**

*Júnia Diniz Focas*

### **Formatação**

*Beatriz de Almeida Matos*

### **Endereço para Correspondência**

*Viva Voz*

FALE/UFMG

Departamento de Letras Vernáculas  
Av. Antônio Carlos, 6627 - sala 4049  
31270-901 - Belo Horizonte-MG

Fone: (031) 3499-5127

Fax: (031) 3499-5128

## **Apresentação**

Quem conta um conto..., reconta contos? História, estórias? Tanto faz, pois o mundo é multifacetado pela imaginação que o cria e recria...

Fábulas, mitos, folclore denunciam e extravasam o mágico e o fantástico do real, transpondo-o para uma dimensão na qual a narrativa é paradoxal em sua própria natureza, pois, nesse caleidoscópio da linguagem, o real e o ficcional condensam-se nas imagens que se intercambiam e se interpenetram no mistério sempre desvendado pelas palavras.

Ensina-se a escrever contos? São eles perpassados por uma estrutura literária que os condicionam a um gênero específico?

Antes de mais nada, o conto é um “conto”, o apreensível inapreensível, a verdade fugaz e insondável nas entrelinhas de um mundo fantástico que nos arrebatava e nos transporta para o mundo real. O conto é metáfora. Metáfora da vida, metáfora de nós mesmos.

É com imenso prazer que apresento, neste volume da Revista *Viva Voz*, os trabalhos produzidos, não digo pelos meus alunos, mas por meus companheiros de percurso pelos caminhos literários do conto.

Nessa estrada, todos apreendemos juntos e juntos descobrimos que “quem conta um conto, reconta contos” sempre infindáveis em sua multiplicidade de vozes. Vozes vivas em *Viva Voz*.

*Júnia Diniz Focas*

## O cego é aquele que não quer ver

Senhor Probo, Pablo Hemi Probo, sentado em seu gabinete, pensando com seus bigodes, nem se deu conta de que a tarde se fez sombria, com ares carregados. Nem mesmo percebeu a ameaça vinda do céu. Um aguaceiro capaz de dar cabo do mundo. Ouvia, ao longe, gritos, sem se dar conta do que diziam, passos apressados percorriam, de um lado a outro, os cômodos vizinhos.

Luz apagou; barulho cessou. O calor passou depressa, dando lugar a um calafrio que percorreu todo seu corpo que, naquela escuridão, somente tinha espaço para uma questão: – Como vou conseguir a aprovação? Hei de encontrar a solução! – Seu povo vivia sofrido. Sem eira, nem beira, vivia na pasmaceira. – Não nada disso pode aparecer. – dizia a si mesmo. – Só vou conseguir o dinheiro se meu povo mostrar que nosso país é pequeno sim, uma ilha mesmo, mas tem muito a oferecer.

Luz acendeu; explosão retumbou. Aguaceiro caiu. Foi nesse momento que o Presidente percebeu que seus Ministros chegaram. O ar ficou sufocante, num silêncio incômodo, que se fez no recinto. Somente o barulho distante da chuva lá fora podia-se ouvir. O Presidente, determinado, exigiu respostas. – Apresentem suas propostas, ou disponibilizem os cargos. Quero esse povo feliz.

O primeiro a romper o silêncio foi o Ministro do Planejamento, Dr. José Oportunista da Silva. Apresentou o projeto de aproveitar a pobreza do povo e implantar uma fábrica de roupas que, além da mão de obra abundante e barata, reverteria em altos lucros para os cofres públicos, poderia ter a população mais bem vestida e todos se sentiriam mais felizes e o governo teria maior aceitação.

O Ministro da Fazenda, Dr. Juvelino Tejadilho Tunante, diz ser impossível implantar tal projeto, pois o momento não é favorável. A banda cambial não está nem estreita, nem larga, e isto tudo dificulta o controle de perdas e ganhos de Capital pelo Banco Central. O

Ministro defende um projeto rigoroso para controlar a inflação. Assim, toda a população, apesar de apertada, sorrirá e lembrará o nome do Presidente Hemi Probo como o precursor de melhoria de suas vidas.

A Dra. Mercedes Desídia, para não ficar de fora, apresenta um projeto de instalação de áreas de lazer e descanso por todo o país. Assim, a todo momento, o povo lembraria do governo como um anfitrião a convidá-lo para um bom momento de paz e descanso eternos.

– Hei de achar a resposta. De um jeito ou de outro, haverá solução. – impacienta-se o Presidente.

Eis que a porta se abre. Um jovem, elegantemente trajado num terno italiano, aproxima-se silenciosamente e sussurra alguns dados para o Dr. José Modesto Honesto, Ministro da Saúde. Este, visivelmente alterado, levanta-se e diz:

– A solução para essas e outras questões está na Saúde, Sr. Presidente. Como eu suspeitava – continuou o Ministro – e os dados confirmam, toda nossa população é míope. Não vêem um palmo diante do nariz. Como podem ser felizes, se não poderão ver suas roupas novas, se não poderão distinguir um sorriso num rosto, se das praças bonitas só sentirão os tropeços?

– Um burburinho se fez ouvir, mas desaparece quando o Presidente, interessado, pergunta:

– E qual é a proposta?

– O que o povo precisa, Sr. Presidente, é uma lente potente, capaz de mostrar ao mais resistente que, apesar de doente, nem sempre contente, ele, povo, é gente da gente, eleitor inconsciente.

O Presidente levantou os olhos, fitou o Ministro, tomou fôlego e diz:

– Hei de encontrar uma solução. Por bem ou por mal, eu encontrarei solução.

## **Festa (in)acabada**

Na madrugada, véspera do casamento, Jorge saiu para ir buscar o vestido da filha.

Passou o dia, passou a noite.

No outro dia, era o casamento, e, até de tarde, nada.

Havia na casa muitos convidados: da vila, vizinhos, os padrinhos, autoridades, os jovens. Certamente, iriam dançar três dias! Corriam copos de licor e aguardente ao som das violas.

Quase ao pôr do sol, a mesa já estava posta.

A dona da casa, disfarçava o desassossego pela demora do marido. Às vezes, mandava um dos filhos ver se o pai aparecia na volta da estrada.

Surgiu de um quarto o noivo, todo “nos trinquês”, de colarinho engomado e casaco. Houve críticas e elogios.

Só faltava a noiva, mas essa não podia aparecer por falta de seu vestido branco, dos seus sapatos brancos, do seu véu branco e das suas flores de laranjeira que o pai foi buscar e ainda não havia chegado.

As moças riam e dançavam; as senhoras cochichavam.

Anoiteceu.

A noiva desesperou-se e começou a chorar. As amigas mais íntimas, quando souberam, entraram no quarto para tentar animá-la. Ela começou a sorrir para mostrar que estava contente. Mas logo recomeçou a chorar lágrimas grandes que rolavam dos olhos castanhos...

E rindo e chorando estava, sem saber o porquê da demora do pai, quando alguém gritou do terreiro:

– Aí vem o Jorge com mais gente!

Foi um alvoroço total. A noiva, porém, ficou como estava, na porta do quarto rindo, e chorando sem saber por que, pois o pai estava chegando com o seu vestido branco, o seu véu branco, as suas flores de laranjeira.

E ao mesmo tempo parava no terreno uma comitiva. Fez-se silêncio. E o mesmo silêncio foi fechando todas as bocas e abrindo todos os olhos.

Então os da comitiva desceram do cavalo o corpo de um homem. Ninguém perguntou nada, ninguém informou nada, todos entenderam tudo. A festa estava acabada e a tristeza começada...

– Mataram o Seu Jorge. Atiraram nele pelas costas e fugiram.

A mãe da noiva levantou o casaco do marido morto, desamarrou o embrulho e abriu-o.

Era o vestido branco da filha, os sapatos brancos, o véu branco e as flores de laranjeira...

Tudo manchado do vermelho sangue de Jorge. Toda aquela brancura manchada de vermelho...

Então rompeu o choro na casa toda.

*Ana Guilhermina Bicalho Viegas*

## O coelho e a onça

Há muito tempo atrás, viviam numa floresta um coelho, muito esperto, e uma onça, muito brava. Num belo dia de sol, passou um macaco vendendo queijos muito gostosos, mas que ainda estavam verdes. A onça ficou com água na boca e logo comprou um. Ela pensou, pensou, e resolveu colocá-lo no alto de uma árvore para amadurecer. Como a árvore era alta e a D. Onça muito pesada, ela pediu ao coelho para subir e colocar o queijo lá em cima. A partir daí, o coelho também ficara encarregado de verificar quando é que o queijo estaria no ponto, isto é, bom para comer. Mas o coelho, muito esperto e corajoso, cada vez que subia, comia 1/4 do queijo. Quando ele descia, D. Onça perguntava: – Como está o queijo?

O coelho respondia:

– Já amadureceu 1/4.

Ao final de quatro dias, o queijo estava todo comido e o coelho muito apertado porque tinha que dar conta do queijo para D. Onça. Então, o coelho teve uma idéia: pegou uma pedra bem redonda e a colocou no lugar do queijo.

No dia seguinte, quando a D. Onça pediu ao coelho para lhe trazer o queijo, ele subiu e lhe disse:

– Feche os olhos e abra bem a boca. A D. Onça, ansiosa, abriu bem a boca e ficou esperando o queijo. Só que, ao invés do queijo, adivinhem!!!!!!

Ele jogou a pedra e saiu correndo. Não sabendo onde se esconder, ele pensou: “Preciso despistar a onça, senão ela me come vivo”. Então ele, sabiamente, resolveu: pegou um pote de mel, lambuzou-se bastante e rolou em um monte de folhas secas até ficar completamente coberto por elas.

Alguns instantes depois, a D. Onça parou perto dele e, sem mesmo perceber a estranheza do animal, perguntou-lhe:

– Você viu um coelho passar por aqui?

Ele respondeu-lhe:

– Vi sim, ele foi por ali.

A onça seguiu o caminho indicado e ele, o coelho, foi para o cantinho oposto.

*Maria José de Amorim*

## **A estória de Estória**

Bem, meu nome é Estória e o que vou lhes contar aconteceu de verdade! Sou um ser muito feliz porque tenho uma morada muito grande, do tamanho do universo, mas, principalmente, porque tenho vários anjos da guarda que me protegem muito, muito, muito, a ponto de poder dizer que sou quase imortal.

Toda vez que tenho que contar uma estória, o conflito é inevitável, já que cada anjo da guarda quer ser o mais importante e tomar frente da questão.

O primeiro a se posicionar é a Excelentíssima Senhora Epopéia. Sempre toda cheia de si, com seu ar lírico e requintado, acredita que eu deveria ser continuamente longa, erudita e extremamente heróica.

Por outro lado, o Zé Romance defende com unhas e dentes sua postura descontraída e prosaica, ao falar ironicamente:

– Dona Epopéia, ninguém tem mais paciência para ler o que a Senhora escreve! Além de grande, tudo tem que ser bem rimadinho, com regrinhas!

Epopéia fica muito furiosa com Zé Romance, não somente pelas suas colocações, mas também pela forma de tratamento com que lhe fora dirigida a palavra.

– Não aceito ser chamada de Dona! Veja lá! Logo se percebe que os bons modos passaram-lhe longe!

Zé Romance já se preparava para rebater a Excelentíssima Senhora Epopéia, quando o Doutor Causo interveio para apaziguar os ânimos:

– Meus amigos, não vamos começar tudo de novo! Da última vez, perdemos muito tempo só para definir quem iria conduzir a Estória pelos seus caminhos. Todos se lembram que o resultado foi desastroso, pois consumimos a maior parte da nossa energia com discussões e acabamos por delegar àquela doida da Crônica que fez

da Estória uns trapos, um ser sem vida, sem auto-estima, sem coerência, enfim, sem nada.

Nesse momento, todos os anjos da guarda se calaram e, por alguns instantes, ali ficaram pensativos!

De repente, bem lá no cantinho, um Senhor, talvez fosse melhor dizer, um anjinho, já que era bem novo em idade, além de novato nessas reuniões, levantou-se e disse-lhes:

– Senhores... é um prazer estar aqui com todos vocês! Chamam-me Conto. Venho com o objetivo de cumprir uma missão que é a melhor opção para o momento. Hoje, convivemos com a questão da intertextualidade, onde os textos dialogam cada vez mais uns com os outros. Acredito que a Estória ficaria muito satisfeita se ela mesclasse elementos de todos nós, de uma forma sintética, concisa, coerente, e, principalmente, curta, de maneira que agradasse ao leitor moderno, que pouco tempo dispõe para leitura. Sei que a Excelentíssima Senhora Epopéia não deve estar gostando de minha proposta, mas todos nós precisamos saber abdicar de alguma coisa para podermos conciliar nossas divergências, transformando-as em convergências em benefício da Estória. É importante salientar que nosso papel é atuarmos como anjos da guarda, portanto, temos que sucumbir aos nossos orgulhos e diferenças e pensarmos somente na felicidade da Estória.

O discurso do jovem Conto caiu como uma luva de tão convincente. Ninguém se atreveu a contestá-lo, pelo menos até que surja um outro calouro inteligente e bom orador.

*Ricardo de Castro Ribeiro*

## **Fidelidade**

A mulher entrou no ônibus cumprimentando o motorista. Queria chegar bem rápido em casa para preparar o jantar. Atrasara-se na visita que fizera ao irmão no hospital. Ao virar, deparou-se com aquele rosto familiar. Sentado junto à janela, com o olhar voltado para a rua. Ao lado dele uma mulher morena, com os cabelos trançados, sorridente. A mão direita pousada suavemente na perna dele enquanto a outra segurava inúmeras sacolas de lojas, denunciando que fora às compras.

Segurou a mão da filha, pressionando-lhe os dedos. Apressou-se a pagar e transpor a roleta. A filha também fingiu não ver o pai. Graças a Deus! Pois detestava escândalos. Fora criada em colégio de freiras, com educação rígida. Nos bancos de trás vários policiais conversavam animadamente. Os outros passageiros, quietos, pareciam imersos em seus pensamentos.

A mulher sentou-se. A cabeça em brasa, os dedos gelados. A filha olhava para ela. Os olhos claros da menina escureceram. Uma atmosfera densa as envolvia. Temendo, na sua intuição de mãe, o que viu nos seus olhos: um brilho felino, as pupilas dilatadas; sentiu uma tristeza imensa. Ó Deus! Como quisera que a filha não estivesse ali.

Os casos do marido não eram novidade para ela, mas quis poupar a filha. Protegê-la da sordidez daquele homem, que não mais se parecia com aquele que ela amara na juventude. Mas como? Como apagar da vida delas aquela figura? Ele ali, com aquela mulher vulgar, as insultava. Ele sempre tão mesquinho, medindo o arroz, o sabão, o café, apagando as luzes da casa, fazendo discursos contra o desperdício. Lógico... Tudo fazia sentido. As palavras doces, os passeios eram reservados para aquela mulher. Aquela infeliz se dava em troca de presentes.

O homem, suando frio, pensava se elas o teriam visto. Num impulso, aproveitando a porta aberta para descida de alguns passageiros, precipitara-se com passos trôpegos pela noite adentro.

A campainha tocou. A porta se abriu. A passos atropelados, desceram a rua. Lá embaixo, a casa branca, o jardim. Herança de família. Uma vida inteira de humilhações, sua educação, sua religião, sua vida... Tudo sem sentido. Os olhos de sua filha... Via-se naqueles olhos, frágil e infeliz.

A mulher não dormira. Sua filha delirou durante a noite, febril. Deu-lhe chá, o calor das mãos e orou.

Após vários dias, a febre, finalmente, cedeu.

Extenuada, a mãe levantou-se e foi abrir as janelas. Perambulou pela casa. No seu quarto, a cama arrumada, as fotos do casal sobre a cômoda, a colcha cor de rosa com barrado de renda branca. O relógio parado. Olhou pela janela. O dia cinzento. Abelhinhas nas flores do jardim. Outono.

Os dias que se seguiram foram assim: profundo silêncio. A filha deitada na cama, inerte, o olhar inexpressivo. A mãe, desesperada, apegava-se em orações.

Até que um dia, a mocinha sorriu, surpreendendo a mãe. Era, na verdade, um sorriso sem vida. Levantou-se e foi espiar da janela.

À noite, após o jantar, a filha finalmente falou:

– Devemos arrumar a casa. Papai não vai gostar, se a vir assim.

Seus olhos fixaram-se na parede branca.

A mãe suspirou, desconsolada...

Os dias foram se sucedendo. As folhas secas se amontoaram no jardim. Muitas luas se passaram até que aquele episódio fosse guardado, como uma foto amarelada numa gaveta qualquer.

E os anos iam como vinham. Vieram as rugas. E mais tarde, o reumatismo e a pneumonia. Aquele corpo cansado de mulher até que tentou resistir. Como ceder à morte, abandonando a filha amada?...

Uma noite sonhou que um facho de luz azul adentrava pela janela. E os pequenos raios se partiam em cores multicoloridas de tons suaves, indescritíveis, para depois se transformarem em minúsculas borboletas que voavam e pousavam e batiam as asas. As borboletas que, um dia, foram lagartas encerradas em sombrios casulos... E foi assim, sonhando, que adentrou o sono eterno...

Os anos se passaram... A filha ficou ali. Não saía muito. Às vezes, ia à igreja, nestas ocasiões ia ao mercado também. De resto, passava os dias em casa, só.

Numa manhã, ouviu tocar a campainha. Abriu a porta. Do outro lado viu um homem magro, pálido, a pele seca e manchada. A respiração parecia difícil. As roupas puídas, o sapato deplorável. Era a imagem da decadência. Pedia-lhe água. Convidou-o para entrar. Enquanto se dirigia para a cozinha, pensou onde teria visto antes aqueles olhos. Ao retornar trouxe água, um sanduíche e suco de laranja. O senhor agradeceu.

Enquanto comia, olhava para ela insistentemente.

– A moça mora aqui há muito tempo?

– Sim.

– Conheceu a senhora que morava aqui?

– Era minha mãe... Morreu há três anos. Respondeu com os olhos fixos no homem a sua frente. Percebeu as mãos trêmulas.

– É tarde... Respirou profundamente. – Como ela morreu?

– Dormindo.

As lágrimas escorriam pelos olhos do homem. Dezoito anos se passaram. A filha nada dissera. Fingira mais uma vez não ver.

Perguntou se ele gostaria de ficar. Afinal, a casa era grande para ela, não quisera se casar, não tinha filhos.

Aquele homem velho foi ficando ali. Passava os dias na janela olhando a rua. Até que a catarata cobriu de todo os seus olhos. Sem enxergar, passava os dias deitado. Às vezes, falava dormindo, coisas sem nexos. Ela cuidava dele: alimentação, remédios, banhos. Arrumava a casa pela manhã e durante a tarde sentava-se perto dele e lia em voz alta. Nestes momentos, sentia-se muito feliz.

Até que um dia ele amanheceu arquejante, as mãos frias, a pulsação fraca. Disse:

– Preciso saber uma coisa... Como viveu nos últimos tempos?

A moça, após um suspiro, disse:

– Ela o perdoou.

Ele fechou os olhos, calando, no coração, o sofrimento e a culpa.

Lá fora um galo cantou... Cães latiram, enquanto passos incertos e bêbados atravessavam a noite,

*Jaqueline de Souza Lopes*

## Viagem

Não imaginava fazer uma viagem melhor do que aquela. Esta não podia ser melhor, trazia-lhe um sentimento de liberdade jamais experimentado. Embarcara procurando exatamente a liberdade, algumas vezes, era verdade, tinha esta sensação, mas era tão efêmera, por isso viajava mais e mais. E a cada viagem ele se distanciava da sonhada liberdade. A viagem o prendia cada vez mais, tornava-se escravo e não percebia.

Diziam-lhe que era dono do seu próprio nariz, que podia fazer o que bem entendesse e coisas do tipo.

Acreditava que viajando ele afirmava a sua masculinidade e independência. E, infelizmente, dependia, cada vez mais, da viagem. Muitos falavam que deveria parar, outros o incentivavam a continuar. Perguntava-se o que fazer. A escravidão parecia irreversível, era tido como irrecuperável. Não acreditava em si mesmo suas forças estavam minadas, seu ponto de apoio estava na viagem. Assim, viajava, viajava, viajava...

O sonho da liberdade não existe mais. A realidade é uma prisão: roubo, tráfico e não sei o que mais.

Conheceu outra forma de viajar. Esta é diferente devolveu-lhe o sonho da liberdade. Viaja por países, cidades, planetas e por tantos lugares quantos a imaginação alcança. Não esconde de ninguém que viaja e não é repreendido por fazê-lo. Antes escondia-se para viajar, agora pode ser a qualquer hora, sozinho ou com alguém do lado. Esta viagem eleva sua auto-estima, restaura o amor próprio perdido e o ajuda a viver intensamente todos os dias. Recuperou os verdadeiros amigos. Estando preso, sente-se em liberdade.

Toca a sirene, é hora de recolher. Fecha o livro. As luzes da penitenciária serão apagadas. No sonho, estará em liberdade.

*Anselmo Monteiro*

## As lages do macacú

Desde muito cedo, Casemiro Figueira trabalhava na Leopoldina. Ingressou como graxeiro, passando as manhãs lambuzando o mecanismo das locomotivas com uma mistura de graxa natural e grafite. Aos dezesseis anos, foi promovido a foguista, e passou os dez anos seguintes alimentando o fogo nas fornalhas dos trens. Aos vinte e seis, finalmente, alcançou o tão desejado posto de maquinista e a ele foi confiada a máquina de número 102. Tinha-na como a uma amante a quem se dedica de corpo e alma. Aproveitando seus momentos de folga, ia com os sobrinhos e o irmão menor polir os bronzes, lubrificar aqui e ali, e remover as cinzas da fornalha – tarefa confiadas aos pequenos.

Seu trabalho consistia em conduzir os trens mistos M2 e MS entre Cachoeira de Macacu e Nova Friburgo. O trajeto era belíssimo, cruzando pontes, cortes abertos em pura rocha dolomítica. Uma das maiores pontes era a do Macacu, o maior dos ribeirões cortados pela linha férrea, que era transposto por estreita ponte metálica, em seis vãos, sustentados por maciças colunas de pedra de cantaria, de doze metros de altura sobre o leito rochoso do rio. A viagem era um deleite sem igual para os passageiros do trem. Também era um deleite para os moradores da beira-linha ver passarem os trens na porta de sua casa, soltando espessos rolos de fumaça branca. Uma rápida olhada para as janelas dos carros e já se sabia quem ia subindo ou descendo a serra. Waldir Policarpo era um desses moradores. Era produtor de cravos e girassóis que vendia na praça do Rio de Janeiro e Niterói. Mas eram suas duas filhas as mais belas flores que possuía: Rosa, loira, magra, de maneiras educadas, um tanto tímida, e Margarida, branca, de cabelos negros, um tanto esperta e sorridente. Eram as meninas mais belas da serra, no dizer dos maquinistas da Leopoldina.

O jovem Figueira usava debruçar-se na janela da 102 para apreciar roçado florido do seu Waldir. Foi numa dessas vezes que vislumbrou Rosa. Sentiu um não sei o que pela menina. Um aceno hoje, um beijo

lançado ao vento amanhã, e cresceu o desejo de se verem mais e mais a cada dia. Encontraram-se, finalmente. Falaram-se. Iniciaram um namoro. Dali em diante, seguiam ambos um mesmo ritual todos os dias: um apito longo, que depois decaía vagarosamente até desaparecer, era o aviso do jovem que passava pela casa de Rosa. A menina saía em disparada e ia até junto da linha catar ao vento os beijos lançados pelo namorado. Assim faziam todos os dias, de manhã, com o M2 e, à tarde, com o MS.

O pai, no roçado, via com orgulho a dedicação do Figueira e já o estimava como genro. Logo que o rapaz passava pela manhã, Rosa ia levar o almoço ao pai. Seguia pela trilha ao lado de sua casa que cruzava o Macacu por uma estreita pinguela feita de um único tronco de braúna. Os moleques, ajudantes do pai, usavam cruzar a ponte do trem e ganhar tempo na travessia. Exigia certa habilidade pisar dormente por dormente, equilibrando-se com os braços abertos, já que a ponte não oferecia nenhum anteparo lateral. Naquele dia, Rosa sentou-se na soleira da porta assim que Figueira passou e se deixou voar em sua imaginação. Não percebeu o sol que cruzava o céu devagarzinho. Foi Margarida quem a despertou, apressada, com o almoço do pai que, por aquelas horas, já devia estar faminto. Seguiram as duas meninas para o roçado e, vendo os moleques cruzando a ponte de braços abertos, soltos ao vento como pássaros, desejaram gozar também daquela liberdade. Perigo, só havia se pisassem em falso, pois que o trem já subira e o próximo só ao meio-dia. Caminhavam, assim, lentamente, alegres, de braços abertos, sobre as caudalosas águas do Macacu que, naquele ponto, rolavam furiosas sobre negra lage de pedra.

A pouca distância dali, uma cena inusitada se passava. O trem do Figueira cruzava com o Expresso E1, conduzido por Domício Cesarino. Ambos pararam no desvio da caixa d'água, onde trocaram rápidas palavras que mudariam a vida de ambos para sempre.

– Por que botaram o expresso hoje, Cesarino?

– É banana para a rainha, Figueira. A carga segue para a Inglaterra no vapor Huston amanhã cedo. E eu que precisava estar em Macuco hoje à tarde para o batizado de minha sobrinha Jussara!

Ora esta, e eu que queria levar Rosa para ver a casa onde vamos morar depois do casamento! E se a gente trocasse? Siga como o M2 que eu levo o E1 para Niterói. Assim, volto cedo e consigo levar a menina para ver a casa. Ela vai adorar o jardim, todo florido de vermelho, como os cravos que o pai dela planta.

– Que assim seja, então. Siga com Deus, amigo!

Quinze minutos depois de ter subido com o M2, descia Figueira com o expresso. Estava alegre. Rosa iria surpreender-se de vê-lo passar novamente, tão cedo. Passou a curva do Ipê amarelo, o corte da pedra furada, a reta do roçado do seu Waldir e lançou ao vento o apito longo como sinal para a menina correr até a linha. Debruçou-se na janela, sorridente ... depois pálido ... gelado ... horrorizado: viu Rosa e sua irmã ali bem na sua frente, no meio da ponte. Acionou os freios, o areeiro, e o apito estridente ecoou pelo vale. Margarida desprende um grito seco e lançou-se ao ar.. Rosa, gelada, pasma, viu seu namorado desesperado mexendo aqui e ali para parar o trem, que crescia mais e mais na sua frente. Seus olhos se encontraram por um momento. Fundiram-se. Vislumbraram as mesmas cenas vividas juntas: os olhares trocado na missa do Domingo; o beijo roubado atrás da igreja; o passeio de mãos dadas na praça da matriz; o sorvete na cantina do José Boléia; os girassóis do roçado nas tardes de sábado; a luz do sol... forte... clara... vermelha... turva que se foi apagando... apagando... apagando para sempre.

Mais de quarenta anos se passaram desde aquela manhã na ponte. Muita coisa mudou por ali. O trem já há muitos anos que não corre pelas encostas da serra. O único som que hoje se ouve por ali é o canto de pássaros, mugidos de vacas, um ou outro menino chorando no quintal, e o murmúrio das águas do caudaloso rio. Já não se produzem mais flores naquela região; o vermelho vivo dos cravos

não trazem boas lembranças aos antigos moradores. O roçado do seu Waldir transformou-se num capoeiral enorme. A ponte também desapareceu. Restaram apenas as colunas de pedra, enegrecidas pelo tempo, minadas aqui e ali por bonitas samambaias é avencas. Uma delas se destaca por possuir uma planta maior; uma figueira, estranha, de galhos espaçados, quase desfolhados. Não lança-se aos céus, mas sim para baixo, parecendo buscar o leite do rio. Seus galhos lembram braços desesperados querendo agarrar algo que caiu lá em baixo. Atento, observa-se lá junto da terceira coluna o que parece querer agarrar: uma planta pequena, que lança pétalas brancas nas águas. É uma roseira encravada na fenda de uma pedra. Estranha natureza! Que mistérios a fizeram reproduzir o desfecho daquele amor e a dor do rapaz, que, anos depois, afastado do serviço por força do abalo emocional, dirigiu-se para a ponte, sentou-se no vão e vendo rolar a massa espumante lá embaixo, não se conteve. Não se sabe se por desilusão ou se atraído pelo brilho verde da água cristalina, que dizia lembrar os olhos de Rosa. Dizem uns que foi por saudades; outros, por remorso de ter visto a luz se apagar nos olhos da amada. Daí que também decidiu-se a apagar a sua ... ali ... nas lages do Macacu.

*Pedro Paulo Rezende*

## Cidade bonita?

Luzes por todos os lados. Brilho e cor em todo lugar. Assim é a cidade grande para ela. Verdadeiramente um deslumbramento. Encantadora. A menina não sabe para onde olhar. Tudo é muito, lindo! Também não sabe para onde andar. Tudo é muito novo...

O sol bate nas janelas dos prédios, parecendo incendiá-los. Nunca vira um espetáculo tão belo. Carros e pessoas por todos os lados. Todos com muita pressa, nem se olham, somente se esbarram. Mas pra ela até isso é bonito!...

Sente fome. Pedir comida a alguém?... Tenta... Não dão. A fome continua... Por que saiu do campo? A fazenda era monótona, mas a esta hora já teria almoçado. Não. Mesmo com fome, a cidade é melhor. Fez bem em ter fugido.

As horas passam... Ela continua andando... olha para o alto e se deslumbrava mais uma vez. Sente frio. É início do mês de junho. Não pensou que a temperatura pudesse mudar tanto de um lugar para outro. Na fazenda era fácil “esquentar sol”. Ali não dava. Os prédios não deixavam o sol passar. Talvez nem as pessoas. Trombariam nela sem olhar para trás e pedir desculpas. Será que alguém lhe daria um agasalho? Não. Com certeza, não. Não lhe deram nem o que comer... Por falar nisso ... Que fome... E que frio...

Já passa das 23:00h... Não tem para onde ir... Está muito cansada... Sente falta de sua cama quentinha e do barulhinho do grilo no meio do mato... Deita-se debaixo de um ponto de ônibus... Ouve um barulho. É só um homem que vem andando... Só ele e mais ninguém... Ainda sente frio... Aquele homem chega perto e sem dizer nada se encosta nela... Bate em seu rosto... Rasga sua roupa... Ela sente uma dor insuportável, mas não consegue gritar... Está apavorada... Tem medo de morrer... O homem vai embora... Ela fica ali, sozinha, deitada no chão frio... Está muito machucada... Chora...

De repente, se vê correndo nos campos da fazenda em que seus pais eram caseiros. É um lugar lindo, encantador. Se vê em seu quarto. Sente muita falta, mas achou que a cidade seria melhor. Não foi. Vê também a cidade... Vê uma menina deitada num ponto de ônibus quando amanhece. Parece “esquentar sol”. Está imóvel. As pessoas que passam na rua, saltam seu corpo e, pensando que ela está dormindo, dizem alguma coisa a respeito de ela atrapalhar o vai-e-vem das pessoas. Não têm tempo de ver o quanto a menina está machucada e que já não respira mais... Nem o sol, o mesmo lindo sol que ilumina os campos da fazenda, consegue esquentar aquele corpo. Agora rígido e frio. Como o coração das pessoas...

*Brenda Mara Alves*

## O segredo de Luísa

Era sempre assim. Todos os dias ela ficava horas assentada no chão: cabeça baixa, pensativa. Os olhos fitos na parede branca do quarto. Ninguém a incomodava, jamais... E ninguém sabia, ou melhor, entendia o motivo daquela reclusão momentânea, mas tinha de respeitá-la. Todos ficavam preocupados sim e, por muitas vezes, tentavam conversar a respeito com Luísa. Ela se negava a revelar o que fazia ou por qual motivo, sempre à mesma hora, não podia falar com ninguém.

Luísa era uma jovem de 18 anos. Alta, bonita, meiga, inteligente. Possuía todas as características que, normalmente, fariam qualquer pessoa feliz. Ela não era... Andava sempre só, não tinha amigos. Sentia-se vazia e solitária. Não podia revelar a quem quer que fosse o seu segredo. Iriam rir em sua cara... Chamá-la de louca, de sonhadora.

Muitas e muitas vezes, ela teve de explicar que não era egoísta – seus atos não eram para atrair a atenção de ninguém. Não queria piedade, nem raiva, nem ressentimento. Não estava apaixonada, nem tão pouco queria ser melhor do que qualquer pessoa. Apenas queria ficar só e poder sentir, mais intimamente, aquela voz que sempre aparecia para cantar-lhe canções de amor...

Era este o segredo de Luísa... Naqueles tão sublimes momentos, ela ouvia uma voz a cantar músicas que ela não conhecia. Eram melodias suaves; pareciam angelicais... Luísa sentia-se feliz. No mais absoluto silêncio – ela se “desligava” de tudo o que acontecia ao seu redor –, e se deixava embriagar pelas notas mágicas. Viajava, sonhava...

Como poderia compartilhar com alguém o que não podia entender ou explicar? Se era egoísmo, então, ela desejava ser a pessoa mais egoísta do mundo... Aqueles momentos eram dela, só dela... E se contasse, ninguém acreditaria...

Tudo começou quando ela tinha apenas 8 anos de idade... Todos sempre a acharam esquisita, fechada, tímida talvez. Mas Luísa apenas guardava em seu coração aquele doce segredo... O seu “anjo” cantor nunca deixara de vir... A cada dia trazia canções diferentes, ou quem sabe eram as mesmas, mas para Luísa sempre pareciam novas.

Os anos corriam e Luísa parecia cada vez mais distante de todos e de tudo... Não estava doente fisicamente... Dizia-se bem, tranqüila, e pedia que ninguém sofresse por ela.

Um dia, ela entrou em seu quarto e nunca mais abriu a porta... Luísa recebeu um chamado, e fora cantar com os anjos todas as canções que aprendera em todos aqueles anos.

*Rosemary Gomes*

## A água prateada

Num lugar muito distante do povoado, onde as pessoas costumavam dividir entre si tudo o que plantavam e colhiam da terra, a vida era muito feliz, e cheia de abundâncias.

Um dia, apareceu por lá um certo senhor dizendo ser proprietário de quase toda a terra que havia ali. Nos primeiros dias de sua chegada, ele ainda pode presenciar um pouco daquela festa preparada pelos moradores sempre que era época de colheita. Os vizinhos, que dependiam exatamente de uma boa parte daquela propriedade para garantir suas sobrevivências, sentiram-se ameaçados, pois a água que cortava de fora a fora o arraial e que servia para o abastecimento dos moradores, vinha de lá. E sem muito tardar, o recém-chegado morador, ignorando o esforço dos vizinhos, mandou desviar o curso do córrego para o lado oposto, de forma que só a ele servisse.

Passados os dias, o esperado aconteceu. Com a força do Sol, o que restava de água no reservatório secou. Daí por diante todos sabiam que o trabalho seria dobrado para manter a produção e a vida. Mas a força do povoado foi tão grande que nada deixou de ser produzido. Os recursos hídricos vieram de outro lado do arraial pelos canos escondidos estendidos pelo chão, para ainda manterem vivas a alegria e a esperança daquele povo.

Só que ninguém sabia, mas as terras de propriedade do novato não eram produtivas. Apesar da fartura de água, tudo que ali nascia não tinha valor nutritivo, não despertava interesses e nem dava motivos para festejar. Para torná-la fértil, necessitava-se muito trabalho, e especializado. Isto a população antiga sabia de cor e salteado, mas ele não sabia que podia confiar nela. Então ele lançou um desafio: “quem tornasse aquela terra produtiva, receberia metade da água que corria no córrego”. Um dos moradores, o mais antigo do arraial, se ofereceu para tratá-la e, de início, fez a sua proposta. Queria que, não a metade, mas, se ele conseguisse inverter aquela situação, a terça parte

da água. O novato morador concordou. Achou que mais valia unia terra fértil na mão, do que um deserto improdutivo.

No dia seguinte ao do fechamento do acordo, logo ao amanhecer, o velho e seus vizinhos partiram para o trabalho. Lá chegando, logo viram que a ameaça que os rodeavam era muito maior do que imaginavam. Fauna não existia no local. Na nascente do córrego não havia sequer uma árvore. Ela estava totalmente desprotegida das intempéries climáticas, e que o fio de água já estava escasso. O primeiro passo então seria a urgente arborização da nascente, em seguida restituir-lhe os animais e depois proceder ao adubamento das terras. Mas como por ali não havia adubos, buscariam em suas propriedades. Mas as providências chegaram tarde demais. Dias depois, o córrego secou. Neste momento, ninguém lembrou do acordo e começaram um trabalho incessante na tentativa de sua salvação. O que antes valia uma porção de água agora era uma questão de vida ou morte. Fizeram da causa alheia suas próprias causas. Os mais crentes invocaram os santos de suas devoção, outros fizeram promessas para chover. Acreditando na crença de muitos povos que consideravam o Cipreste a árvore da vida, graças a sua longevidade e a sua verdura, plantaram-no, sob orientação do mestre, ao longo da nascente. Mas o riacho não atendeu. Nem a chuva caiu. Vendo o novo morador aquela empreitada, certificou-se de que tratava-se de coisa séria. Ficou comovido e uniu-se também ao grupo na esperança de que não só a ele, mas a todas aquelas preces, Deus atendesse.

Quando mais nada havia para se fazer, quando não havia mais esperanças e todos já se preparavam para abandonar o arraial, eis que, de repente, desaba uma forte chuva e tudo começou a esverdear. O brilho do Sol produziu um efeito dourado por sobre as folhas do Cipreste, antes nunca visto por aquelas redondezas. Voltaram em disparada para o local da nascente e viram que pelas encostas corria um sulco prateado que banhava uma por uma as representantes da nova flora. E sobre elas pairavam não só as borboletas, como também os beija-flores, em seu trabalho de auxiliar de reprodução. Foi então

que eles viram que a vida novamente havia voltado a reinar naquele lugar. Olharam silenciosamente para o Cipreste que parecia alcançar o Céu, e não entendiam o tamanho milagre. Então, o velho mestre de sabedoria incontestável, contou-lhes que na China antiga esta planta era tida como símbolo de imortalidade, por ter uma resina inalterável e folhagem tão persistente que evoca a imortalidade e a ressurreição.

Assim, logo que terminaram o trabalho, e fizeram suas preces de agradecimento a Deus, tiveram restituídas as águas do córrego que sempre fizeram parte de suas vidas, agora, porém, prateadas.

*Elisabeth José Gonçalves*

## **Namoradeira**

Era uma vez, uma fazenda que ficava no alto de uma enorme colina, onde as pessoas viviam alegres e felizes. Eram simples, gostavam muito da vida do campo. Sentiam-se bem em acordar com o galo cantando, com o orvalho na grama ao amanhecer, com o cheiro de terra molhada às primeiras gotas de chuva; em beber o leite quentinho que a minha vaca predileta, a Graciosa, acabara de nos ofertar; em passar horas sentado embaixo de uma mangueira e ir dormir após longas prosas à luz da lua.

Seu Sebastião era um homem calado e tranqüilo. Estava sempre em dia com suas obrigações e não gostava de ser interrompido em seus afazeres; era de todos os administradores que papai já contratara, o mais exemplar. Mas era um homem triste, atormentado pela saudade que morava em seu peito. O motivo era Pedro, seu único filho que ainda garoto fora para a cidade grande com o objetivo de conquistar uma vida melhor. “Pedro, ele me dizia, voltará algum dia trazendo em sua bagagem tudo aquilo que um dia eu quis ser”.

Eu vivia em outra realidade. Não gostava da fazenda e daquela vidinha. Estudava como uma louca em São Paulo e nas férias do meio do ano era arrastada até Piracicaba. É certo que gostava muito de andar a cavalo, mas lembro agora que era uma das poucas coisas que me alegravam naquele lugar. Comer as frutas que eu mesma apanhava das árvores, brincar com os meninos e até mesmo observá-los trabalhar com Seu Sebastião, por quem muitas vezes fui enxotada, eu gostava: “Menina, que é menina moleca, trata de tomar seu rumo que aqui é lugar de peão”. Acho que na falta de Pedro, tomava-me como filha, zelando-me e fazendo eu me sentir como sua filha, principalmente quando papai viajava, o que quase sempre acontecia.

Os anos se passavam. Eu crescia elogiada por minha beleza e tornava-me cada vez mais arteira. Seu Sebastião ansioso com a volta do filho e papai preocupado com os bois e praticamente ausente.

Namorava todos os anos um peão diferente. Em uma daquelas férias, tive três namorados ao mesmo tempo! Vivia no sufoco para conseguir tê-los e mantê-los, mas ficava muito contente com esta situação.

Pedro, no ano em que me descobri, chegara na fazenda em uma manhã de sábado. Naquele dia, acordei antes do costume para ir em busca de um dos namoradinhos que teimava em fugir de mim. Procurei-o por toda parte até encontrá-lo; quando não quis ficar mais ao seu lado, voltei para casa contente por ter alcançado mais um namorado. Ao entrar de supetão pela casa, dei-me de cara com Pedro; foi paixão à primeira vista! “Como está bonito e formoso o menino raquítico e feio que, por vezes, eu maltratei”, eu pensei.

Ele ficaria um mês, nada mais. Mas eu achava que seria tempo mais do que suficiente para mais um namorico. Que pretensão! Por todo o mês de julho fiquei jogando meu charme em vão. Pedro, além de belo, era um rapaz sábio, tanto quanto o pai e sabia de todas as artimanhas que uma garota igual a mim poderia fazer. E assim se foram aquelas férias. Eu querendo conquistar Pedro, somente para me sentir vencedora e os peões fugindo de mim, até mesmo o Manuel, que antes me papagaiava.

Somente uma coisa boa me aconteceu nas férias daquele ano: ouvir as palavras do Seu Sebastião no dia em que Pedro foi embora; trago-as comigo até hoje. “Ah menina moça que será por um bom tempo menina! Preste atenção nas palavras que vou lhe dizer para não ser castigada pela vida e sofrer profundamente: quem tudo quer, nada tem”, Eu, tempo depois, vim a descobrir o que aquelas sábias palavras transmitiam. Descobri dentre outros, que as coisas não acontecem de acordo com as minhas vontades e que as pessoas não podem ser tratadas como simples objetos.

*Daniela Vieira*

## O Sonho

Há muito Francisco sonhava. Sonhava com ouro, muito ouro. Era como um delírio que o foi possuindo logo que correu a notícia que havia sido encontrado ouro em Ribeirão das Mortes.

Falou com a mulher, ela que não levava fé em negócio de garimpo, tentou demovê-lo dessa idéia. Foi em vão. Logo estavam arrumando comprador para a roça que possuíam. Tinham pouca coisa; a roça, um casebre, duas vacas e uma carroça com um bom cavalo.

Foi nessa carroça que se mudaram. Francisco, a mulher, os dois meninos e algumas tralhas. Dois dias depois, estavam de acerto com o fazendeiro sobre o pedaço do rio em que iria garimpar.

Em uma casinha simples, no povoado mais perto do rio, eles se instalaram. E assim foi passando os meses. O pouco ouro que extraía do leito do rio, ia sustentando, modestamente, ele e a família.

Francisco, contudo, não parava de sonhar, enquanto outros garimpeiros iam desistindo e indo embora, ele e uns poucos iam ficando por lá.

Trabalhava de segunda a sábado. No sábado, à tardinha, ia para o povoado encontrar a família. Na segunda, retomava a lida.

Num sábado, lá pelas cinco, quando se ausentavam os outros garimpeiros, Francisco insistia mais uma hora, num esforço desenfreado em garimpar, garimpar, garimpar. Ao retirar a areia e o cascalho para lavar, bateu em uma pedra. Olhou, ou seus olhos o enganavam, ou estava diante de uma enorme pepita de ouro, quase do tamanho de um mamão.

Olhou para os lados para ver se via alguém, não havia ninguém, pegou depressa a pedra e a escondeu em um saco. Sua cabeça fervilhava, tinha muitas coisas para juntar e não podia ficar ali sozinho com uma fortuna daquelas. Colocou as ferramentas na carroça, juntou as panelas, as roupas e tocou para a casa.

No caminho, ia pensando, deveria guardar o ouro em local seguro antes de chegar ao povoado. Depois, viria buscá-lo em segurança. Viu na beira da estrada uma grande gameleira, parou, pegou a picareta e cavou um pequeno buraco. Olhou para os lados, pegou a pepita e a enterrou. Depois cobriu o local com galhos e gravetos para que ficasse bem disfarçado, sem dar mostras de ser mexido recentemente.

Tranqüilizou-se finalmente e seguiu para casa. Lá contaria à mulher. Foi uma noite de alegria em casa; a mulher, feliz com o segredo partilhado, fazia planos. Compraria vestidos e sapatos novos, agasalhos para as crianças, quem sabe até outra roça.

Na segunda, bem cedinho, chamou um conhecido e pediu-lhe que o acompanhasse, pois precisava buscar um saco que ficara na estrada, e não podia ir sozinho.

À medida que avistava a gameleira, seu coração passava a bater num ritmo descompassado.

Chegou, desceu da carroça, começou a cavar. Nada. Cavou do outro lado. Nada encontrou. O suor saía pelos poros e os olhos tornaram-se vermelhos. Continuava a cavar. O homem o observava sem entender, sem poder ajudar, pois ele não falava nada. Aos poucos, o desânimo tomou conta dele, nada compreendia, nada falava, apenas uma grande apatia.

O homem colocou-o na carroça, em um grande silêncio, o levou para casa.

*Maria Célia Rocha*

## As Iniciais

– Tudo que eu declarei aos jornais era verdade. Posso ter exagerado num detalhe ou noutro, porque estava sob efeito de drogas muito fortes, o senhor sabe, doutor, foi o senhor quem mas receitou...

– Foi preciso. Você estava muito agitado.

– Eu sei, eu sei... Mas conseguia me lembrar perfeitamente da noite do acidente. É certo que me fogem alguns detalhes, mas, no geral, me lembro perfeitamente de tudo.

– Não é o que dizem seus amigos...

– Ora, não se pode acreditar neles. Estavam todos bêbados. Eu já disse que só eu não tinha bebido naquela noite. H. disse para eu não beber porque íamos voltar em seu carro e ele queria que eu fosse dirigindo.

– Mas você disse aos jornais que não era você quem estava dirigindo,

– Mas não era mesmo! Na última hora, M. pediu para ir dirigindo porque tinha brigado com W. e não queria ficar no banco de trás com ela. O senhor sabe, M. é muito temperamental; ainda mais quando briga com W...

– E M., tinha bebido?

– Claro que sim. Não estávamos numa festa? Todos bebem numa festa...

– Mas você disse aos jornalistas que M. não tinha bebido.

– M. era meu amigo, doutor. Eu não queria sujar o nome de um amigo. E, afinal, que diferença isso faz agora? M. está morto, não está?

– Mas é preciso que todos concordem sobre quem estava ao volante. E isso não está acontecendo...

– Não seja ingênuo, doutor. Os outros podem estar querendo me incriminar. O senhor sabe, se eu for o culpado, H. terá a quem cobrar um carro novo, mas, se o culpado for M., a quem ele cobrará? Não se pode cobrar um carro de um morto... Eu já disse que só eu posso me lembrar do que aconteceu, só eu estava sóbrio!

– Mas você disse aos jornalistas que podia ter bebido uma ou duas doses...

– Não interessa o que eu disse aos jornalistas! O senhor sabe que eu estava sob efeito de tranqüilizantes.

– Mas você disse que se lembrava de tudo.

– E é verdade. Quando dei aqueles depoimentos já estava me lembrando de tudo... Quer dizer, às vezes, faltam-me alguns detalhes... Aliás, o senhor poderia me dizer de novo o nome deles, doutor. Não sei por que, lembro-me perfeitamente de seus rostos, das roupas que estavam usando e do que fizeram naquela noite. Juro que me lembro de tudo, mas, dos seus nomes, só consigo lembrar as iniciais.

*Ronaldo Brito Roque*

## Ah! Lolita...

Chegou o compadre no casarão, tão magro que envergava. Terno branco, muito bem engomado e... (pasmem!) polainas! Tudo impecavelmente branco. Talvez o homem soubesse flutuar. Afinal, era a única pessoa capaz de atravessar a porteira e passar pela plantação de laranjas sem chafurdar pés, tornozelos e canelas no lamaçal ou no estrume que os cavalos displicentemente deixavam aqui e acolá. Debaixo de um dos braços, trazia o chapéu. No outro, um leitão muito bem provido, róseo e com olhar serelepe.

O dono da fazenda recebeu-o na sala, mastigando os últimos grãos de arroz e limpando boca, barba e bigodes, com um guardanapo de pano:

– Ô, compadre. Acheque-se.

– Como vai, seu Belarmino?

– Como Deus manda ... O senhor sabe: bois, laranjas, galinhas... o de sempre. E o compadre? Faz tempo que não vem pr' esses lados...

É, o senhor sabe, a escola toma muito o meu tempo...

Esse negócio de se instruir não enche barriga, já falei pro senhor. Uma saca de laranja vale mais do que uma hora do seu trabalho... A proposta ainda ta de pé, é só querer. Querendo, financio pro compadre uma chácara de terra boa. O senhor planta soja ou feijão, que é pra não concorrer comigo, e cria umas galinhas...

– Obrigado mais uma vez, seu Belarmino, mas alguém precisa ensinar as crianças... A propósito, vim trazer o prêmio da rifa da escola que o senhor tão generosamente comprou através de sua esposa.

– Oh, quer dizer que fui eu o *felizário*?

– E como não seria, tendo comprado mais da metade das rifas?... De todo modo, queria agradecê-lo, pois, finalmente, a escola conseguiu dinheiro para a reforma.

O homem passou o porquinho para o dono da fazenda que o levantou nos braços, contra a luz, como se procurasse algum defeito.

– Não há de quê, compadre. Ademais, esse leitão me parece muito saudável. Vai pra engorda e, quem sabe, no Natal já teremos uma pururuca apetitosa...

– Permita-me corrigi-lo: leitoa. A mais saudável de uma leva de cinco porquinhos

– Ah, sim. Vê-se... Ora, compadre, o senhor diz que não quer cuidar de galinhas, mas ta criando porcos?

– Não senhor... Essa porca veio da criação do padre. A igreja colaborou com a escola, doando a leitoa como prêmio... Dona Ingrácia não lhe disse?

– Ah, deve ter dito, mas o senhor sabe como é... eu com as minhas laranjas e ela com as beatices dela.

– Pois é... Mas o senhor disse que pretende assar a porca no Natal?

– Eu não, Ingrácia é que vai assar!... Certamente, vai chamar o padre pra ceia. O senhor aproveite e vá preparando a pança.

– Se isso for um convite, saiba que aceito de bom grado. Porquanto, o dever e as crianças me aguardam. O senhor queira dar-me licença...

– Toda, mas veja lá se não deixa pra vir só no Natal, hein?

– De modo algum, seu Belarmino... Dentro em breve chegarão as férias e acredito que terei mais tempo livre, aproveito para fazer uma visita. Meus cumprimentos a sua esposa, até breve...

– Até breve...

O homem retirou-se e o dono da casa continuou olhando, fixamente, para a porquinha, como se estivesse hipnotizado ou querendo decifrá-la antes que fosse devorada. Permaneceram assim por um bocado de tempo, até que a esposa chegou:

– Ô Bela, vai ficar aí parado, segurando essa porca?

– Tem razão, vou por ela no chiqueiro.

A mulher voltou para a cozinha e o marido foi com a porca para a pocilga. Deixou-a lá, familiarizando-se com os seus, interagindo num grunhido constante.

Enquanto se certificava que o prêmio da rifa estava bem, o homem percebeu que a porca piscou um olho para ele. Aquilo chamou sua atenção, mas em seguida, ela pôs-se a chafurdar. Então, pensou que aquilo fosse um ato reflexo, ou uma ilusão, sabe-se lá o quê. E foi cuidar dos afazeres.

\*\*\*\*\*

As laranjas começaram a brotar nos pés, as galinhas e os galos cruzavam freneticamente entre os arbustos, as flores cresciam e a porquinha começou a dar ares de sua graça. Crescia viçosa, ainda bem rósea e com jeito de dengosa. Agora era fato: toda vez que o homem dava comida aos porcos, a porquinha dava uma piscadela. Ele sempre chamava a mulher para ver, mas parecia que a porca esperava ela desviar o olhar, de modo que a esposa achava que aquilo era troça do marido.

Todos os dias, ele passava pela pocilga e certificava-se de que os animais estavam se alimentando e engordando. E todo dia a porca dava uma piscadela para o dono, que passou a entender que aquilo era um momento de cumplicidade entre eles e resolveu deixar-prá-lá, parando de chamar a esposa.

Certa vez, percebeu que a porca estava meio borocoxô, cabisbaixa, sem aquele olhar vivaz. Preocupou-se com o animal mais do que o

normal e o recomendável. Mandou chamar o veterinário. Depois de uns exames, o doutor disse que o bicho tinha pegado uma doença qualquer, mas um tratamento especial faria com que escapasse da moléstia com vida.

O homem transformou-se. Parecia ter entendido mal o que o veterinário quis dizer com “tratamento especial”. Quando a esposa voltou da missa no domingo, deu com a porca na sua cama.

– Mas o que é isso, homem?

– O doutor disse que a porca deveria ser tratada com “cuidados especiais”.

– Mas isso é exagero! Santa Maria, uma porca na minha cama!

– É só até ela ficar boa, Ingrácia! Afinal ela ainda ta nova pra ir pro forno.

– Cê não acha que ta ficando muito apegado a esse animal, não?!

– Não é questão de apego, mulher,...

– É questão de quê, então?

– De... negócios! Isso, negócios religiosos.

A esposa emudeceu e ficou olhando com cara-de-meu-Deus-que-isso para o marido.

Os olhos buscavam uma explicação.

– Se lembra, Ingrácia, essa porca é de sangue paroquial! Vai ver até que foi alimentada com hóstia!

Que heresia é essa, homem? Cê ta caducando?

Tô nada, vai que ela morre e o padre acha que a gente foi relapso?... Tão bem cuidada enquanto tava com ele e quando chega aqui... coitada.

A mulher ficou pensativa, temendo a reação do padre.

– Ta certo, mas faça o favor de tirar a porca do meu quarto até essa noite!

Mas a porca não só passou a noite como a semana. Os argumentos e a indignação de Ingrácia engoliam-se em sapos enquanto ela debulhava espigas de milho para o curau.

Enfim, a porca saiu da cama. E a mulher, quase, da casa. O homem já não permitia que o animal voltasse para o chiqueiro. Andava livremente pela casa, deixando rastros de imundície por onde passava. Ganhou cor novamente. O homem alimentava-a com tudo o que melhor havia: frutas, legumes... a porca começou a crescer... para cima e para os lados. Já andava rebolando, com passos delicados de menina-moça. O olhar ainda era o mesmo, serelepe e dengoso atrás dos longos cílios. O homem passou a chamá-la Lolita. Quando escutava o dono pronunciar seu nome, sabia que ele iria oferecer-lhe algo de bom para comer. Apressava o passo, dando saltinhos e sacudindo as orelhinhas rosas.

Lolita desfilava gordota. O homem passava a maior parte do dia sentado – em sua cadeira de balanço, no alpendre do casarão, admirando o prêmio. Era uma senhora porca! Carnuda, banhuda, suculenta ... e rósea! E o dono suspirava.

Enquanto Lolita desabrochava, Ingrácia despetalava-se em meio a baldes, panos de chão, sabões em barra, esfregões... Mas o marido não percebia isso. “Só tem olhos para a porca!”, pensava a mulher em assembléia com os próprios botões. E quanto mais amarga ficava, mais destilava o veneno. Resmungava pelos cantos da casa, atrasava o almoço e a janta, deixava o ferro queimar as roupas do marido... Ah, Ingrácia não era mais a mesma.

Causava mal-estar ao marido olhar para a esposa: sempre descabelada, de mau-humor, azeda feito limão-capeta. Então olhava para Lolita, doce generosa e saltitante.

O Natal se aproximava e a mulher já tinha ânsias de cozinhar a porca. Na véspera, pegou a maior faca que havia na casa e, após desfilar pela cozinha, sala e alpendre, gritou o nome de um empregado qualquer. O rapazola chegou correndo e ofegante:

– Benjamin, me faz o favor de amolar essa faca.

Como de costume, marido e porca apreciavam a paisagem no alpendre. A segunda permanecia impassível, na própria ignorância. Mas o primeiro observava a mulher desde que chegara com o instrumento de tortura.

– Mas amole bem... – e continuou, olhando de lado para o marido, num tom de provocação – ...que é para cortar direitinho a carne pro Natal.

E o moleque, como veio, foi. Correndo desembestado como se tivesse muito o que fazer. Em seguida, Ingrácia trocou-se. Disse ao marido que iria para a missa das dez, mas que estaria de volta em tempo para preparar a ceia. E que aproveitaria para confirmar a presença do padre e do professor. Assim que saiu, o marido pôs-se a remoer um nó na garganta. Teve dó da porca. Levantou-se da cadeira de balanço no alpendre e foi despedir-se de Lolita. Encontrou-a sobre o sofá da sala, aquecendo-se sob o sol da manhã. Ficou parado, olhando para ela e digerindo os sentimentos. Uma porquinha tão meiga, tão simpática. Doce, delicada e... generosa... farta... vaporosa... Quanta carne, quantas curvas!

\*\*\*\*\*

Ingrácia entrou na sala e encontrou o marido, de cueca e meias, cochilando no sofá. “É agora!”, pensou. Retirou o xale, correu para cozinha, lavou as mãos, pôs um avental e foi procurar Benjamin e a porca.

\*\*\*\*\*

Quando o homem acordou, já era noite. Nem sabia há quanto tempo estava ali. A cabeça doía-lhe tanto quanto o corpo. Levantou-se. Um cheiro de carne assada o fazia salivar.

Ingrácia entrou na sala:

– Cê não vai se arrumar? Daqui a pouco chega o padre e o professor...

–...há ... é, vou ... E... a porca?

– Ta quase pronta.

Durante a ceia, mesmo com insistência de Ingrácia, do Padre e do professor, Belarrnino nem sequer provou da ceia. Disse que não se sentia bem. Tinha dores pelo corpo e náuseas. Pediu licença e retirou-se para o alpendre. Logo depois, o padre foi ao seu encontro. Puxou uma cadeira. E pôs-se a conversar.

– Pena o senhor não ter provado da porca. Tava muito boa. Dona Ingrácia cozinha bem.

É...

Soube que o senhor chegou a dar nome à porca. Gostou do prêmio que lhe enviei?

– Muito, padre. Creio que Ingrácia já lhe agradeceu em meu nome.

– Sim. E o que o senhor achou da porca?

–...bem provida, suculenta, saudável...

Após um longo silêncio, o homem continuou:

– Sabe, padre, o senhor pode não acreditar, mas a danada da porca sempre piscava um olho para mim...

E o padre suspirou:

– Tal mãe, tal filha...

– O senhor me desculpa, mas eu não escutei, o que o senhor disse?

– Nada, meu filho... coincidências, ... coincidências...

*Pilar Fazito de Almeida Rezende*

## **Unha do pé**

Era uma unha bonita do pé de menina. A unha tão bonita do pé de menina nem precisava de esmalte, não precisava dessa máscara da unha. Ela era bonita com sua ingenuidade, com sua molequice de pé de menina. Nem mesmo a poeira ou a lama das ruas e dos morros, onde a menina corria descalça, apagava a beleza da unha do pé.

A menina cresceu. A unha do pé da moça, agora, estava trancada no sapato fechado, o qual anunciava com o seu toc-toc a chegada pontual e a saída exaustiva da trabalhadora. E pouco a pouco, de tanto correr contra o tempo, e para a luta, a moça esquecia como correr descalça com as unhas dos pés ao vento e ao sol.

No ônibus apertado, alguém sempre pisava na unha do pé da mulher. Ela encolhia os dedos dos pés e engolia um grito abafado: “ai”. E de tanto pisarem no pé da mulher, de tanto viver com o pé apertado no sapato fechado, sua unha do pé foi entristecendo de viver. Ficou opaca, escura, preta. Caiu.

A natureza da unha não se deixa abater. No lugar onde caiu uma unha frágil e sensível, já havia uma outra. Essa era escura, não parecia conhecer a luz do sol, nem a brisa fresca do vento. Mas era dura, muito dura para agüentar o sapato fechado e a vida apertada.

*Rossana de Moura Muniz*

## Tecendo

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegar atrás da noite. E logo lá estava ela, sentada ao tear. A natureza dava-lhe bom dia pela janela, começava o dia feliz, com linhas de cores bem claras para combinar com a luz do dia. Ia dando a tonalidade nas cores de acordo com o decorrer do dia, prata para combinar com alguma sombra trazida por algumas nuvens, cinza quando ventava.

Jogando a lançadeira de um lado para outro, era assim que a moça passava o seu dia, tecia como a imaginação vinha-lhe a cabeça, era como se ela mesma estivesse ali, tecendo o seu próprio destino. Tecer era tudo que ela mais gostava de fazer. Mas com o tempo, a moça cansada de estar sozinha, pensou como seria bom ter um marido para dividir as opiniões e a alegria, pensou também em filhos para então formar uma família completa. Mal acabara de pensar, bateram palmas lá fora. Quando a moça abriu a porta, era um moço jovem de botas e chapéu que entrava para a sua vida.

Deste dia em diante, fizeram planos, casaram-se e felizes foram por algum tempo. Os filhos que ela havia pensado, ela queria. Se ele pensou, já não queria mais, depois da descoberta da maravilha que o tear podia fazer, ele então só queria que ela tecesse para que a casa deles ficasse bonita. Mas ele já não queria mais uma casa, queria um palácio e assim determinou as cores que ela usaria para tecer os luxos do então palácio, as cores das linhas já não eram claras como ela acostumava tecer no começar do dia, ele queria cores escuras, opinava sobre o que ela deveria fazer e queria que ela fizesse os desenhos de acordo com o que ele mandava. Ela já não percebia mais o brilho na natureza, ela já não criava mais, já não tinha mais opinião, já não imaginava mais sozinha, agora tinha um marido que dava opinião em tudo que ela fazia.

E assim a moça trabalhava sem parar para conseguir deixar o palácio do jeito que o marido queria, do jeito que ele exigia. Ela tecia os

caprichos do marido. Ele queria luxo. O palácio estava pronto, até que um dia ela própria trouxe com o tempo a melancolia, um novo cansaço e cansada de tecer os caprichos do marido, pensou como seria bom estar só novamente.

Esperou anoitecer. Em silêncio, saiu do quarto bem devagarzinho, enquanto o marido sonhava com as novas exigências. Sentou-se ao seu velho tear, desta vez não precisou escolher cor nenhuma, pegou a lançadeira e começou a desfazer todo o luxo, todo o capricho do marido, todas as cores por ele escolhidas.

Quando o marido acordou, era tarde, já não havia mais tempo, estava tudo desfeito, tudo acabado. A moça voltou para a sua simples casinha e, ao amanhecer, repetiu as cores claras como fazia e apreciou a natureza que todos os dias ia cumprimentá-la à sua janela.

*Elizete Sena Nuvem*

## Dejavu

Dejavu.

Já foi há muito tempo atrás, mas poderia ter sido ontem, poderia ter sido hoje de manhã...

Uma manhã de verão, mas hoje já não faz mais diferença. Verão, inverno, todas as manhãs se tornaram iguais depois daquela manhã. E quanto àquele cheiro? Não era o mesmo cheiro? Sabia que era, como poderia esquecer-lo?

Bom, o melhor a fazer era vestir rápido sua calça e sair de casa o mais rápido possível. Fechou rapidamente a porta de seu quarto. Deu duas voltas na chave e conferiu para ter certeza de que havia realmente trancado bem a porta. Caminhou rapidamente pelo corredor na sua ala do velho casarão até alcançar a porta da rua. Passou rapidamente pelas pessoas que estavam à porta, sem lhes dirigir nem um olhar.

O cheiro da cidade. Aquela mistura dos gases de escapamento de milhares de veículos daquela cidade com os cheiros que emergiam em cada canto, de cada lugar, tudo lhe servia para afastar da lembrança aquele cheiro horrível, insuportável, cheiro de dor. Ela preferia estar ali, bem no meio de toda a correria e agitação da cidade, onde ninguém a conhecia, ninguém sabia o que lhe havia acontecido. Não que se sentisse mais segura. Só se sentia anônima, mais uma cara cinza no meio de rostos pálidos. Uma estranha, tão estranha como aquela mulher que todas as manhãs contemplava seu rosto, do outro lado do armário do banheiro. Quem era aquela mulher? Seu rosto, tão familiar e tão estranho.

Ao chegar em sua sala de aula, Ira caminhou para o fundo da grande sala, onde, invariavelmente, se assentava. Não se preocupou também em olhar a lista que lhe fora passada por um colega, a qual, provavelmente, era sobre aquela droga de churrasco que todos estavam falando desde o começo da semana.

Antes olhou para o seu colega com um olhar de quem não dava a mínima para o que ele lhe perguntava: – Não cara, eu não vou a este churrasco não! O seu colega, ainda calouro na faculdade e nos relacionamentos, quis ser amigoso e tentar convencê-la a comparecer à comemoração. Este lhe tocou no ombro e lhe deu um sorriso dizendo: “Você não sabe o que vai perder...” , porém antes mesmo de conseguir terminar o que tinha em mente, Ira empurrou com força o braço com que ele lhe tocava e já foi logo dizendo em voz alta e agressiva: – Olha bicho, eu já falei que não vou a porra de festa nenhuma. Não me enche o saco, falou?! Levantou-se e saiu da sala de aula, deixando para trás o colega sem graça e os demais surpresos, não pela maneira pouco amigosa com que tinha acabado de agir, já que ela não era de muitos amigos mesmo, mas pelo seu grito, que carregava mais que simples falta de paciência ou de mau humor.

Assentada agora em um banco do pátio de sua faculdade, Ira agora olhava para o almoço que estava em seu prato, e que parecia simplesmente intragável. Sentia-se profundamente amargurada, principalmente depois do que havia acontecido em sua primeira aula pela manhã. Ela sabia que o coitado do cara não tinha falado nada demais, porém tocar em seu braço era demais. Não podia tolerar que lhe tocassem. Não mais. Encheu o garfo e tentou engolir o mais rápido possível, mastigando pouco. A comida tinha um gosto amargo. Tinha o gosto de um passado presente. Rodou o garfo mais umas vezes pelo prato, que agora já estava bem frio, antes de, finalmente, largar o talher, levantar-se e ir embora para sua casa.

Ao atravessar a avenida, antes de chegar ao velho casarão no qual morava desde que tinha vindo de sua cidade natal, teve a nítida impressão de que alguém a acompanhava com o olhar, do outro lado da rua. Virou-se rapidamente para certificar-se de que havia realmente alguém lá, mas não conseguiu ver nada que lhe parecesse ameaçador. Mesmo assim, correu para dentro do prédio velho. Felizmente seu quarto era um dos primeiros da ala direita, e ficava próximo à portaria. Entrou e trancou bem a porta novamente se

certificando de que esta estava bem trancada exatamente como havia feito pela manhã. Seu coração batia acelerado. Hoje a sensação havia sido mais forte que nos últimos dias.

“Que merda”, pensava. “Que cheiro que não vai embora, que gosto que não some, que dias que não passam...”, e pôs-se a chorar, deitada sobre sua cama, ela chorava. Dentro de seu ser, ela toda chorava, dia após dia, noite após noite.

*Giuliano Deinner Toniolo Torres*

## **Azul, mundo azul**

Era uma vez uma enorme floresta mágica..., e certamente era mágica pois, caso contrário não seria preciso o “Era uma vez...” no início desta estória, como o fazem, quase em sua totalidade, os escritores de estórias mágicas. Mas, continuemos: ...floresta mágica que ocupava todo o verde espaço daquele vasto mundo. Suas árvores eram tão grossas que não podiam ser abraçadas por cem homens, e as copas das verdes árvores fundiam-se com as nuvens pintando o céu de um verde-branco deslumbrante. Troncos se entrelaçavam como se as árvores verdes gigantes se unissem em eterna e vigorosa corrente de mãos em união. E as enormes folhas verdes, que quando em verde-escuro, e no solar do meio-dia, tudo em noite escurecia. As árvores gigantes verdes envolviam todo o planeta e reinavam absolutas em toda a verde superfície. O céu, visto ao pé da árvore, era verde; e o chão, visto do alto da árvore, era verde, um enorme colchão-verde. E todos os animais se sentiam protegidos por aquela enorme e intransponível carapaça natural-verde. Os rios e os riachos, de água esverdeada tingida pelo sumo exalado pelas verdes folhas, durante o dia, sumiam; eram sugados pelas desconhecidas raízes daquelas enormes árvores-verdes-colossais, e voltavam a desaguar, tranqüilos, no meio da noite, embalados pelo respingar do orvalho verdejante que ruía sob o som das cachoeirinhas rumo ao seco-leito-esverdeado. E as enormes árvores verdes viviam por milhares de anos e, quando morriam, caíam, pesadamente, ao chão causando um tremor tão grande, que de tamanha tremulência ficou conhecido como terremoto e, quando caíam no mar, causavam um maremoto. E o mundo-verde seguia tranqüilo com suas verdénormes árvoverdes e seus pequeninos bichinhos.

Bichinhos! Ah! Os bichinhos... pequeninhos, por força da natureza, todos verdinhos! E precisavam mesmo ser verdes, pois os terríveis macacos-caçadores exterminavam todos os animaizinhos que conseguiam encontrar. Porém, eles tinham um problema de visão:

misturavam a tudo que verde fosse em um enorme borrão. Fosse o que fosse, verde-claro, verde-escuro, os terríveis macacos-caçadores viam como uma enorme massa verde disforme. Os verdes-animaizinhos se escondiam como podiam; os passarinhos, nas altas copas, ficavam quietinhos, e os macacos passavam de galho-em-galho, ceguinhos, sem enxergá-los, e os bichinhos, entre as folhagens do solo, escondiam-se. Os macacos passavam andando ao seu lado, nada viam. Quando as ararinhas-verdes alto grasnavam, os macacos a tudo ouviam, mas não as enxergavam. E as verdes-ararinhas, com eles de esconde-esconde, brincavam. Voavam, grasnavam, escondiam, brincavam e os macacos-caçadores irritados de raiva rosnavam. Porém, na floresta mágica das grandes árvores verdes havia as avezinhas que com aquela brincadeira não consentiam; as ararinhas azuis que grave perigo corriam.

As ararinhas azuis, aves de rara beleza, de cor azul celestial e plumas macias em seda. Triste destino, no entanto, aguardava a ave-azul-bela que, por descuido da natureza ou por simples desatino, fora pintada de exuberante azul, ficando à mercê, frágil caça dos furiosos macacos-caçadores. E não conseguiam, por mais alto e ligeiro que voassem, escapar das lanças e setas, e tombavam desprotegidas sem poderem se esconder da trágica premonição – a iminente extinção. E morriam, e logo subiam ao grande céu de Deus, que a todas apadrinhava com enorme compaixão. Pouco tempo foi passado e da terra se findaram; as ararinhas azuis, o grande céu dominaram. E tingiram totalmente toda a sua extensão; o céu era agora azul-celeste da cor da união de todas araras azuis na superior região.

E os macacos, na terra, revoltaram-se e outra opção não encontraram. Sem ter mais como caçarem, em bando, estraçalhavam as árvores e as comiam causando enorme estrago; clareiras e mais clareiras sobravam do que desmatavam. A fauna-floresta-verde, de outrora exuberante, estava ameaçada de certa extinção, pois sem o verde morria, também, toda a criação.

As ararinhas azuis, no céu com Deus, reinavam e, para todo o espanto, rapidamente, multiplicavam-se tingindo o céu de radiante azul celestial. Um azul de raios tão fortes refletiam na terra que, agora desmatada, apenas espelhava, no espelho que a água formava, as aves azuis lá do céu. E, então, vista de cima, da imensidão do céu azul, a terra é toda azul, da cor das ararinhas.

*Ringo César da Fonseca*

## **O homem cego**

Num lugarejo próximo à cidade do Rio de Janeiro, vivia um senhor de meia idade chamado Carlos. Como não teve filhos, decidiu, após a morte da sua esposa, morar afastado do centro urbano violento e movimentado. Lá viviam ele e a única companhia que o velho Carlos apreciava nessa vida, sua gata Clotilde. Desde o acontecido com sua esposa, Carlos tornara-se descrente com relação aos seres humanos, depositando na gata toda a afetividade e dedicação. Passava os dias a mimar Clotilde com carinhos, passeios pela redondeza, mas mantinha a gata em um cativado, ou seja, não deixava o animal longe de seu alcance de visão nem um instante sequer. Era exatamente isso que mais incomodava Clotilde. Ela não tinha liberdade de fazer o que realmente queria: correr pelo sítio, caçar passarinhos, brincar com os outros animais, enfim, atividades normais para um gato. Mas, ela não reclamava, pois tinha uma vida de rainha e assim acostumara-se com ela.

Mas, certo dia, o carteiro trouxe uma notícia que deixou Carlos apreensivo. Sua única irmã, ainda viva, estava mandando seu filho mais velho, Eduardo, trabalhar na capital e pediu que Carlos o hospedasse em sua casa até este estabelecer-se em outro lugar. Ele chegaria dali a uma semana. Assim, o velho Carlos ficou nervoso com a vinda de uma pessoa estranha, que invadiria sua vida e que, enfim, atrapalharia sua prezada rotina.

Eduardo chegou pela manhã ao sítio. O tio o recebera de maneira fria, pondo-o a par de todas as regras da casa, desde os horários das refeições até a hora de dormir.

Alguns dias se passaram e Eduardo tentava adaptar-se à vida no sítio. O tio não conversava com ele além do necessário. Após o jantar, Carlos sentava-se na varanda com Clotilde, fazendo-lhe carinho até ela dormir. Eduardo achava estranho esta dedicação à gata. Não que ela não merecesse, ela era uma gata bonita e meiga, mas aquilo parecia um tanto exagerado.

Para Clotilde, uma nova pessoa na casa era uma maravilha. Logo ela que não podia ter contato com outras pessoas, encantou-se com Eduardo e sempre que podia ia até ele, esfregando-se em suas pernas, pedindo carinho. Ele, que não gostava de confusão, repelia a gata como se esta estivesse com alguma doença, pois sabia do ciúme do tio.

Clotilde não entendia muito bem esta atitude, mas, mesmo assim, insistia nos carinhos. O que realmente atraía a gata era a liberdade que Eduardo tinha de sair e voltar a hora que quisesse. Isso a deixava fantasiando como seria a vida da cidade, as pessoas, ou outros gatos, enfim, ela estava cansada de viver presa como um passarinho na gaiola.

Haviam se passado dois meses e Eduardo já não via a hora de mudar-se. Já havia encontrado um bom emprego e começara a procurar um outro lugar para morar. O tio, querendo ficar livre do ‘peso’, incentivava-o dizendo que na cidade ele ficaria mais perto do trabalho, que ele era muito jovem e não estava preparado para viver isolado como ele. Quando percebeu que Eduardo ia embora, Clotilde ficou muito triste e pensou: iria embora com ele. Mas como deixar Carlos? Logo ele, que a tratava tão bem e tinha tanto carinho por ela? Mas de que adianta tanta dedicação se ela não tinha o que mais queria? A liberdade, esta de que todos falam e que ela nunca soubera realmente o que significava, mas não importa, ela tinha que fazer aquilo ou sua

vida se resumiria a uma vida enfadonha, dirigida por alguém e não por ela.

Tinha chegado o grande dia. Eduardo despediu-se do tio, entrou no carro e partiu para a cidade. Chegando no bairro de Santa Tereza, onde ficava seu apartamento, reparou que alguma coisa se mexia dentro do carro e qual não foi sua surpresa ao deparar-se com Clotilde envolta em lençóis, espreguiçando-se de uma soneca. Eduardo achou engraçado e, ao mesmo tempo, ficou furioso com a gata, pois seu tio já devia estar sentindo falta da gata e iria achar que foi idéia sua trazer o animal.

Neste meio tempo, Carlos já estava à procura da gata desesperadamente. Logo ele que sempre tomara conta da gata com tanto zelo e carinho, não entendia onde ela podia ter se metido sem que ele tivesse percebido. Até que o telefone tocou e Eduardo esclarecera a estória por inteiro. O tio, percebendo o desespero do rapaz, decidiu ir até a cidade buscar aquela que era seu bem mais precioso. Chegando lá, deparou com Clotilde em cima da janela do apartamento, observando o movimento que ela tanto sonhara conhecer. Via as pessoas na rua, os carros, pessoas gritando, buzinas e etc. Aquilo não era o que ela imaginara! Para ela, aquele mundo era tão tumultuado! Quando viu Carlos, Clotilde encolheu-se toda, imaginando que o dono iria castigá-la pelo acontecido, mas ao invés disso, Carlos pegou a gata e abraçou-a com tanta força que quase a esmagou. Ele então agradeceu Eduardo, reconhecendo, enfim, que o sobrinho era um bom rapaz e convidando-o a ir fazer-lhe uma visita sempre que quisesse.

Na volta para o sítio, Carlos pensou: Qual teria sido o motivo que levou Clotilde a fugir dessa maneira? Ele sempre a tratava tão bem, alimentando-a, dando tudo do bom e do melhor. Então, ele foi surpreendido com uma constatação! Seu amor por Clotilde estava sufocando a gata. Só quando estamos nos sentindo presos é que fugimos de quem nos trata bem. Isso fez o velho refletir sobre suas atitudes.

Quando chegaram, Clotilde sentiu-se aliviada. Como a vida na cidade é estranha! Quanta gente falando ao mesmo tempo! Para ela, que nunca estivera lá, aquilo não era liberdade, e sim a verdadeira prisão. Foi dormir, pensando que boba fora de querer sair daquela tranquilidade, achando-se uma privilegiada pelo dono que tinha.

No dia seguinte, Carlos acordou cedo e levou Clotilde para um passeio. Chegando no lago em que eles paravam para descansar, ele disse:

– Clotilde, desculpe-me se eu quis proteger você. Nós, humanos, temos essa tendência de super-proteger as pessoas que amamos. Assim, às vezes, tomamos atitudes que tiram a liberdade do outro. Agora eu percebo o quão egoísta eu fui ao prender você tanto assim. Por isso, a partir de hoje, você pode sair e explorar o mundo aí fora.

Então, Carlos deixou Clotilde onde estava e saiu em direção ao sítio. A gata não entendeu muito bem a situação. Carlos nunca a tinha deixado sozinha, sem pegá-la no colo e levar-lhe para todos os lugares. Ficou admirada e começou a correr em ziguezague pela relva, dar cambalhotas e pular pelos arbustos. Foi aí que resolveu subir em cima da árvore e observar a paisagem. Mas o que viu foi uma cena incrível! No sítio ao lado, um cachorro fazia sua refeição matinal com grande deleite. Ela pensou e resolveu ir ver aquele bicho mais de perto. O cachorro, sentindo pelo faro a aproximação da gata, disparou em direção à cerca que separava as duas propriedades. Passando por uma falha, o cão perseguiu Clotilde, alcançando-a facilmente, pois a gata não estava acostumada a perseguições. Ele desferiu-lhe uma mordida fatal no pescoço, fazendo-a cair agonizante, em frente ao portão do sítio.

Carlos, que estava na cozinha fazendo um café, pegou sua arma e saiu correndo ao escutar a confusão. Ao ver Clotilde estirada, morta, o velho caiu de joelhos e desmanchou-se em prantos. Carlos sentiu um ódio tão grande que apontou a arma para o cachorro. Nesse momento, ele recordou todas as vezes em que fora egoísta com a gata e com todos ao seu redor, reconhecendo que a morte de sua esposa tinha-o

deixado amargo e, por vezes, até cruel. Clotilde nunca vivera fora daquela redoma de vidro, por isso não poderia saber como comportar-se diante dos perigos da vida fora dali. Naquele instante, o cachorro olhou bem nos olhos e o que Carlos viu foi um animal no estado do seu mais primitivo instinto. Gritou, espantando o animal que saiu correndo.

*Mariela Aguiar Villela*

## A luneta

A noite caía pesada sobre suas entranhas. Fustigava-lhe impiedosamente a particularidade existencial, fazia-o sentir sartreanamente responsável por tudo aquilo: maquinais repetições no trabalho, caminhadas inexoravelmente solitárias pela rua, leituras insípidas, músicas já adestradas pelo ouvido, pinturas que agora espantavam mais do que apraziam, enfim, tudo estava impregnado de um odor que se vulgariza pela sobremaneira do uso e o que era mais dantesco, não obstante, era a sua impotência diante desse odor que sufocava, que nulificava-lhe os prazeres.

Sentado na escrivaninha que comprara para fazer a leitura dos livros que faziam parte da sua lista literária anual, mas que agora se prestava a bem menos, ele ruminava o seu existencialismo, a sua faceta mais congenial de se relacionar com o mundo. Parecia-se a si mesmo um fracassado, pois não conseguia enxergar qualquer nexos na frágil lógica existencial. Tudo lhe era desprovido de prazer. A vida não lhe fazia sentido sob diversos prismas, o implacável clichê do cotidiano, sem desafios, insinuava-lhe um tédio ascendente.

De repente, seu coração parece querer sair do peito, seu hausto se torna frenético à maneira de um epilético em crise, seu corpo treme como num orgasmo... Deus o abençoara com aquela visão da janela do seu apartamento: a favela há muito mirava-lhe como ele a ela. Compraria uma luneta e se deliciaria com o alheio daquela favela. Tomou um copo de leite e caiu na cama buscando o sono até então arredo. Dormira feito uma criança recém-nascida.

Imediatamente, depois de chegar do trabalho no dia subsequente, penetra vorazmente no seu quarto e organiza tremulamente a luneta pela manhã. Com desvelo máximo, põe-se a espionar as pessoas do outro lado da clarabóia, dissecas-lhes a carne, os gestos, a feiúra, a beleza, tudo muito genericamente. Não se detém em ninguém em especial. Mas eis que sua lente passa por uma mulher aparentemente

interessante. Suas silhuetas como que o convidara para uma insistência do seu feroso olhar. A opticidade daquela visão já estava mudando a sua vida, concitava-o agora a sempre mais vislumbrar-lhe os encantamentos, aqueles existentes, outros possíveis e outros ainda inventados pela imaginação.

É, aquela mulata da favela era o motivo da sua súbita alegria. A vida agora já se prestava bem menos a elucubrações existencialistas, muito ao contrário, parecia-lhe muito mais filosófico poder tocar o rosto daquele seu anjo que em noites mais ardentes tomava dimensões demoníacas pelo hiato da distância, do que ler Sartre, Heidegger, Kierkegaard, etc.

O pragmatismo nunca lhe parecera tão verdadeiro: queria por que queria possuir sua amada, não tanto como em seus devaneios, mas como duas pessoas adultas e maduras o fazem: eliminando etapas gradativamente.

Dias se passaram, meses, o tempo cronológico se resignara ao psicológico diante daquilo: ele descobrira a razão do seu existir, os dias agora não passavam, antes eram intensa e ferosamente vividos, aproveitados, sugados por uma vida semanticamente cheia e agora ele decidira não arriscar essa dádiva de Deus. Não cairia na esparrela de se contentar com outra coisa que não fosse a sua óptica visão construída no aconchego do seu quarto. Percebera que amava não só a mulher, morena, bonita, gostosa, que insistentemente observava, mas, principalmente, a luneta azul que estava graciosamente arrumada sobre a sua escrivaninha e que parecia reconfortar-lhe todas as chagas da alma.

*João Eustáquio da Costa Santos*

## Quando Deus escreve certo por “linhas tortas”

Havia motivos de sobra para comemorarmos. Vovó iria completar setenta e cinco anos. Desejávamos fazer uma comemoração inesquecível. Todos que a conhecem admiram-na pela sua heroicidade na criação dos filhos. Tivera de lutar muito quando ficou viúva com oito filhos, sendo cinco adolescentes. Portadora de uma fé inabalável, não mediu esforços para educar os filhos e proporcionar-lhes um futuro promissor. Embora não lhe agrade a vida na cidade grande, resolveu mudar para a capital a fim de satisfazer os filhos. É muito simples e ama igualmente a todos os filhos e netos. Mas havia entre eles uma rivalidade surda por melhor posição social. Em consequência, raramente a visitavam.

Desejávamos prestar-lhe uma homenagem. Iríamos surpreendê-la convidando-a para a Missa. Conversamos com o padre que, durante a homilia, iria destacar sua vida, seus exemplos, etc. Ao final, o coral iria entoar “Rosa” de Pixinguinha, a sua música predileta. Depois, iríamos para o salão de festas onde ela receberia a homenagem de todos os familiares. Preparamos salgados, bebidas e o bolo de aniversário. Foram convidadas várias pessoas da vizinhança e amigos da família. O Grupo de Serestas iria animar aquele evento. Seria um acontecimento inesquecível. Papai não era favorável àquela comemoração:

– “Ela não gosta de festas. E ficará aborrecida quando souber do dinheirão que vocês estão gastando. E vocês são ‘mestres’ em desperdiçar alimentos, isto a deixa bastante contrariada”, concluiu papai.

De nada adiantaram as suas ponderações. Sabíamos que ele era contra aquela festa, temendo encontrar a sua irmã mais nova com quem não conversava há mais de vinte anos. O casamento de nossa tia fora o causador daquela briga. No princípio, vovó chamou os dois e suplicou-lhes deixar de lado aquela bobagem. Não adiantou, tanto

papai quanto nossa tia não arredavam pé em suas posições e continuavam inimigos. Vovó carregava dentro de si aquela amargura. Gostaria tanto que fosse restabelecida a amizade entre os dois filhos.

Na manhã daquele dia, vovó começou a sentir-se mal. Foi levada às pressas ao hospital onde foi constatado pedra na vesícula. Era necessário uma intervenção cirúrgica. A festa foi cancelada; o bolo e os salgados foram doados às famílias do Movimento dos Sem-Terra que ocupavam um terreno próximo à nossa residência. A cirurgia foi um sucesso. Entretanto, uma infecção hospitalar veio agravar a situação. Sucederam vários dias de apreensão. Até os mais incrédulos se uniram aos outros dirigindo várias preces a Deus pela sua recuperação. A família teve de revezar no acompanhamento dela no hospital. Não teve jeito, papai encontrou nossa tia e tiveram de romper a inimizade.

Enfim recuperada, vovó sentiu que a sua doença foi o instrumento para papai e a nossa tia reatarem a amizade. Ela reuniu todos os filhos para uma conversa:

– “Meus filhos, fiquei muito satisfeita de saber que vocês voltaram a conversar. Vocês precisam esquecer as mágoas e ressentimentos e viverem unidos”, disse vovó.

– “Fique tranqüila mamãe, daqui pra frente não haverá mais desentendimentos entre nós. Vamos encontrar um meio de nos unirmos ainda mais”, disse papai.

Ao menos uma vez por semana, todos a visitam. Mensalmente, a família se reúne para buscar solução dos problemas que enfrenta. Foi adquirido um terreno próximo à capital onde estamos construindo uma casa de campo com piscina e quadra de esportes. Pretendemos formar um pomar, plantar hortaliças, etc. Assim, vovó viverá num local de seu inteiro agrado. E poderemos encontrar e passarmos juntos os finais de semana.

*Wilson José Pinto*

